



Método e Desenho de Pesquisa na Ciência Política Brasileira: Uma Análise da Literatura (2000 a 2015)

Method and Research Design in Brazilian Political Science:
An Analysis of the Literature (2000 to 2015)

Rosiene Guerra y Sabrina Almeida

Resumo

O debate acerca dos desenhos de pesquisa na Ciência Política contemporânea está voltado para o pressuposto de aperfeiçoamento teórico e da produção de um conhecimento mais rigoroso na disciplina (King, Keohane & Verba, 1994). Nesse sentido, mapear e desenvolver as balizas e fundamentos do empreendimento científico na tradição dos estudos brasileiros na área é de suma relevância. O estudo analisa como a produção acadêmica recente no Brasil vem desenvolvendo o debate acerca de questões de métodos e desenhos de pesquisa a partir de dez periódicos de Ciência Política no período de 2000 a 2015. Além disso, apresenta alguns aspectos conceituais que devem nortear as etapas de pesquisa e identifica na literatura brasileira recente como a temática vem avançando. Dessa maneira, através de trabalhos de referência e dados coletados, identifica-se que a despeito de sua centralidade, poucos pesquisadores têm se debruçado sobre o estudo da temática, mas o cenário é animador uma vez que se observa uma tendência crescente da produção acadêmica no tocante à metodologia na disciplina. De maneira geral, ao se considerar os principais resultados, é possível observar que entre os temas mais estudados sobressaem-se os relativos a métodos e técnicas de análises de dados.

Palavras-chave: Ciência política; Produção acadêmica; Desenhos de pesquisa; Métodos de pesquisa.

Abstract

The debate about research designs in contemporary Political Science is focused on the assumption of theoretical improvement and the production of more rigorous knowledge in the discipline (King, Keohane & Verba, 1994). In this sense, mapping and developing the goals and foundations of the scientific enterprise in the tradition of Brazilian studies in the area is of paramount importance. The study analyzes how recent academic production in Brazil has been developing the debate on issues of research methods and designs from ten Political Science journals from 2000 to 2015. In addition, it presents some conceptual aspects that should guide the stages research and identifies in recent Brazilian literature how the theme is advancing. In this way, through reference works and collected data, it is identified that, despite their centrality, few researchers have focused on the study of the theme, but the scenario is encouraging since there is a growing trend in academic production concerning the methodology in the discipline. In general, when considering the main results, it is possible to observe that among the most studied themes, those related to methods and techniques of data analysis stand out.

Keywords: Political Science; Academic production; Research designs; Research methods.

Introdução

Com base na produção científica recente no campo da Ciência Política, é possível observar um crescente comprometimento com a questão do método e inferência (Da Cunha Rezende, 2015). Esta tendência pode ser compreendida como mais um paradigma da disciplina, na tentativa de legitimá-la no campo das ciências. Todavia, no que tange à tradição dos estudos brasileiros na área, este movimento se mostra menos evidente. Este trabalho analisa dez periódicos brasileiros de Ciência Política no período de 2000 a 2015 e busca responder a seguinte questão: *Como a Ciência Política Brasileira tem abordado questões de método e desenho de pesquisa nos últimos anos?* O período foi escolhido em função do avanço dessa temática a partir dos anos 2000 (Nicolau e Oliveira, 2013).

A obra seminal de King, Keohane e Verba (KKV) de 1994 tornou-se um referencial teórico para o campo metodológico na Ciência Política. Os autores defendem que é possível descrever e explicar certos fenômenos da realidade apesar da sua complexidade. Em outras palavras, ainda que a certeza acerca dos fenômenos seja inalcançável, aumenta-se o grau de confiabilidade e validade das variáveis e resultados de uma pesquisa, se devida atenção for dada às regras da inferência científica.

KKV (1994) estimularam o debate e contribuíram para o aprimoramento de pesquisas no campo, assim como, lançaram bases para questionamentos dos estudos produzidos até aquele momento. Críticas a este trabalho, todavia, foram encabeçadas por outros pesquisadores, os quais argumentaram que parte das soluções propostas pelos autores na busca por inferências válidas não tem adequada aplicabilidade na pesquisa qualitativa e defendiam, assim, a noção de “remédios qualitativos para problemas qualitativos”.¹

Apesar disso, não se pode ignorar o significativo efeito que a obra produziu nas Ciências Sociais como um todo e na Ciência Política, especificamente. Desde a sua publicação, vários trabalhos vêm sendo desenvolvidos com o intuito de capacitar pesquisadores da área social para a produção científica e, dessa maneira, o debate vem acumulando importantes avanços, especialmente na literatura internacional.²

Considerando a relevância do método e desenhos de pesquisa para os mais diversos campos de estudo, parece justificável verificar a sensibilidade da literatura brasileira em Ciência Política com relação ao tema. Nesse sentido, o objetivo geral desse artigo consiste em verificar em que medida essa literatura aborda essas temáticas e sua evolução no tempo. O estudo é longitudinal, de caráter descritivo e utiliza uma abordagem qualitativa de pesquisa cujo método de análise é a Análise de Conteúdo.

O texto está dividido em quatro partes além dessa introdução. A seção seguinte aborda alguns conceitos centrais para a pesquisa científica que irão demarcar a escolha das categorias analíticas apresentadas na metodologia. Em seguida, apresenta-se uma breve discussão de como a literatura brasileira tem interpelado às questões de métodos na disciplina. Na terceira seção, descreve-se os dados exibindo como a temática metodológica tem sido tocada nos principais periódicos da Ciência Política brasileira. E, por fim, as considerações finais e propostas de agenda de pesquisa interessantes à área.

Revisitando alguns conceitos-chave

A ciência em KKV (1994) possui quatro características principais. A primeira é que o objetivo da ciência é a inferência, ou seja, produzir conclusões que vão além dos dados observados. Nesta perspectiva, inferência significa fazer generalizações sobre fenômenos não observados a partir de um número limitado de observações. A segunda característica da pesquisa científica é que os métodos devem ser explícitos, codificados e públicos de forma que sejam

¹ Dentre eles, pode-se citar David Collier, Henry E. Brady e Jason Seawright, 2010.

² No concernente ao número de citações da obra - *Designing Social Inquiry. Scientific Inference in Qualitative Research* (1994) - detém cerca de 15% das citações totais do autor Gary King, o que reforça o argumento da centralidade e importância da obra no campo metodológico.

passíveis de replicação (King, 1995). A terceira é que suas conclusões devem estar sempre imbuídas de algum grau de incerteza, dada a complexidade da realidade social, mas esta deve ser devidamente estimada e informada. Por fim, e de acordo com as balizas teóricas de Karl Pearson, “o conteúdo principal da ciência é o método” e não sua temática ou objeto de estudo, uma vez que “pode-se utilizar tais métodos para se estudar praticamente tudo” (KKV, 1994, p. 9, tradução nossa).

Para De Vaus (2001), o foco recai sobre o desenho e estrutura da pesquisa, pois, analogamente, não parece plausível saber de antemão o “tipo de material” que irá se precisar se não se souber o “tipo de edificação” que se pretende construir. Dessa forma, é preciso selecionar estratégias de desenho apropriadas para o problema que se deseja abordar.

Um bom desenho de pesquisa é composto por uma pergunta, teoria, dados e procedimentos para o uso dos dados (KKV, 1994). Um desenho de pesquisa é uma proposição lógica que busca responder a perguntas evitando ambiguidades, e nesta perspectiva, há dois tipos fundamentais de pergunta de pesquisa. A primeira delas é a pergunta descritiva que se refere a “o que está acontecendo?”. A segunda é do tipo explicativa e se refere a “por que está acontecendo?”. Uma boa descrição pode levar a uma boa explicação e, idealmente, esta deve sempre anteceder-la (KKV, 1994; De Vaus, 2001).

O tipo de pergunta de pesquisa (descritiva ou explicativa) afetará o desenho de pesquisa. Uma pergunta de pesquisa descritiva requer uma série de cuidados quanto à delimitação do escopo a ser abordado. É preciso definir os seus conceitos fundamentais, bem como seu período e localização geográfica, o quão geral se apresenta seu problema de pesquisa, se deseja-se descrever padrões para subgrupos específicos, qual aspecto do tópico é interessante, quão abstrato é seu interesse, qual é a unidade de análise (De Vaus, 2001). Por outro lado, uma pergunta do tipo explicativa implica em uma relação causal que requer a identificação de causas e efeitos de determinado fenômeno³. Nesse sentido, tem-se a variável dependente⁴, que manifesta suposto efeito do modelo causal (Y) e as variáveis independentes⁵, que representam as causas do modelo causal (X). As possíveis causas e efeitos ainda não testadas são denominadas hipóteses. Hipóteses são as possíveis respostas às nossas perguntas, para Collier, Mahoney e Seawright (2004), uma hipótese é uma conjectura que estabelece uma relação entre uma ou mais variáveis independentes e uma variável dependente. Segundo KKV, uma hipótese não pode ser considerada uma explicação correta e razoável até que se tenha sido avaliada empiricamente e passado por um número considerável de testes, atribuindo-se robustez aos seus achados.

Aqui atenta-se para dois problemas principais atinentes à causalidade: a causalidade reversa e o viés de variáveis omitidas (Dowd e Town, 2002). A causalidade reversa significa que Y pode exercer um efeito causal em X, para além do efeito de X em Y. Já variáveis omitidas são as variáveis não incluídas no modelo, as quais podem ser de dois tipos. A primeira, chamada de variável interveniente, fica entre a variável independente e a dependente na cadeia causal, é o meio pelo qual X produz o efeito em Y, geralmente designada como Z. A segunda, denominada de variável de confusão, representa uma causa comum tanto de X quanto de Y, gerando dessa forma, uma correlação espúria entre X e Y, tais variáveis podem estar correlacionadas sem serem relacionadas como causa e efeito, aqui cabe enfatizar que correlação não necessariamente

³ A causalidade é definida em KKV em função do seu efeito causal: a diferença entre o componente sistemático das observações que se fazem quando a variável explicativa tem um valor e o componente sistemático das observações comparadas quando a variável explicativa tem outro valor (contrafactual). Em outras palavras, a diferença que há entre os componentes sistemáticos de Y quando X tem dois valores diferentes, tendo como pressupostos a homogeneidade das unidades e a independência condicional. Entretanto, há muitas críticas a esse conceito de causalidade, vale a pena conferir a crítica dada pelos autores David Collier, Henry E. Brady e Jason Seawright, 2010.

⁴ Também chamada de variável de resultado ou explicada

⁵ Também chamada de variável experimental, explicativa ou preditora.

pressupõe causalidade, ainda que consista em um de seus pressupostos⁶. Em outras palavras, a correlação pode ser devida a uma terceira variável Z que atua tanto em X quanto Y.

As variáveis omitidas reduzem o poder explicativo das análises. Entretanto, apenas as variáveis que afetam tanto a variável dependente (Y) quanto a variável explicativa (X) – variáveis “de confusão” – resultam em estimativas enviesadas do efeito causal. Por isso que, quando se observa correlação pode-se erroneamente atribuir relação de causalidade, enquanto na verdade ela apenas oferece subsídios para inferências. Segundo De Vaus (2001), um dos propósitos do desenho de pesquisa com fins explicativos é justamente evitar inferências inválidas, e nesse sentido, a clareza e precisão da pergunta de pesquisa exerce papel fulcral. A pergunta deve ter um embasamento teórico sólido para não comprometer a validade do empreendimento científico, uma vez que “encontrar as respostas certas para as perguntas erradas é uma atividade fútil” (KKV, 1994: 38, tradução nossa). Ainda quanto à utilidade de se ter um trabalho focado no desenvolvimento de um ponto central, Weingast (2010) estabelece que primordialmente todo artigo deve ser orientado em torno de uma questão de pesquisa e que, para além disso, esta deve ser apresentada à forma mais clara possível para o leitor, isto também valida o domínio que o próprio pesquisador possui sobre o seu argumento.

Para KKV (1994: 19, tradução nossa), “uma teoria é uma especulação fundamentada e precisa sobre uma resposta que cabe dar a uma pergunta de pesquisa e inclui uma declaração do porquê tal resposta está correta”. Assume-se que teorias são um conjunto de hipóteses bem conectadas que passaram por uma série de testes e, de acordo com De Vaus (2001), tais teorias variam em complexidade, abstração e escopo (propósito e abrangência). Existem duas perspectivas de pesquisa importantes para se entender o papel da teoria: teste de teoria e construção de teoria. A construção de teoria utiliza o raciocínio indutivo, ou seja, a partir das observações, constrói-se uma teoria. Já o teste de teoria utiliza o raciocínio dedutivo, verificando se a teoria se aplica às observações. Em outras palavras, as observações são usadas para testar o valor da teoria. Há duas estratégias para isso, a primeira refere-se à eliminação de hipóteses rivais, dessa maneira, mapeia-se e testa-se todas as proposições teoricamente relevantes para se avaliar seu valor e pertinência. A segunda refere-se à busca por evidências que podem refutar a teoria, ou seja, com potencial para falseá-las. Vale salientar que uma teoria é sempre provisória e, por isso, é importante adotar uma abordagem cética, crítica para as explicações produzidas teoricamente (Popper, 1982; KKV, 1994).

Kellstedt e Whitten (2009) apontam para algumas estratégias na elaboração de boas teorias. Para os autores, uma boa teoria deve contribuir com o conhecimento científico, acarretando mudanças na percepção de como enxergamos o mundo. Para tanto, o pesquisador deve conduzir suas teorias de modo que essas sejam causais, empíricas, não normativas, gerais e parcimoniosas. Essas recomendações, todavia, se prestam apenas a orientar o pesquisador na busca por uma teoria bem conceituada que possa contribuir efetivamente com o conhecimento teórico já existente acerca de dado assunto, uma vez que não existe uma fórmula simples na tarefa de conduzir boas teorias.

No que se refere à pergunta de pesquisa, é necessário verificar quais tipos de evidências será preciso coletar para respondê-la de forma convincente, além disso, todo e qualquer procedimento metodológico⁷ adotado deve estar balizado por ela. Dessa forma, os dados coletados para responder tal pergunta devem ser de qualidade e de fonte confiável, o pesquisador deve registrar e detalhar o processo pelo qual os dados foram gerados, para garantir, na medida do possível, que sejam reproduzíveis. Quanto a esta última premissa, para que haja a máxima compreensão e avaliação de um trabalho empírico, King (1995) defende a possibilidade de replicação dos dados de pesquisa. A transparência e disponibilidade não apenas dos dados mas da forma como estes foram gerados e analisados permite aos estudiosos que tenham maior domínio de pesquisas existentes, incidindo no melhor desenvolvimento de suas próprias.

⁶ Os pressupostos para que se possa estabelecer relação de causalidade entre variáveis são: anterioridade, correlação e não-espuriidade (Babbie, 2014).

⁷ Há métodos específicos para a coleta de dados, dentre eles pode-se citar o questionário, a observação participante, a etnografia, a entrevista estruturada ou semiestruturada, pesquisa bibliográfica e a análise documental.

Ao coletar as evidências é preciso atentar para a sua validade e confiabilidade, pois erros de medidas podem tornar os dados inválidos e não confiáveis, comprometendo toda a pesquisa. A validade significa que se mede, de fato, o que se pretende medir, ou seja, as medidas captam bem o fenômeno de interesse. Já a confiabilidade significa que diferentes medidas do mesmo fenômeno produzirão os mesmos resultados⁸.

Método é diferente de desenho de pesquisa. Este último lida com problemas lógicos e não logísticos (Yin, 1989 *apud* De Vaus, 2001). O plano de trabalho vem depois do desenho de pesquisa.

Um arquiteto antes de elencar os materiais que precisará para construir certa edificação, precisa primeiro saber que tipo de edificação construirá: escola, arranha céu, etc. Da mesma forma, pesquisas sociais, antes de delimitar a amostragem e o método de coleta de dados, etc., primeiro, precisa se perguntar “que tipo de evidências é preciso coletar para responder a pergunta inicial?”. As vezes os pesquisadores desenham questionários ou começam a entrevistar muito cedo, sem um desenho de pesquisa, e isso leva a conclusões fracas, pouco convincentes e falhas para responder à pergunta inicial (De Vaus, 2001: 9, tradução nossa).

Como exemplos de desenho de pesquisa pode-se citar experimento, estudo de caso, estudo longitudinal (tendências, coortes ou painel), estudo *cross sectional* (interseccionais). Para De Vaus (2001), é preciso que se faça uma avaliação correta do desenho e não avaliá-lo de acordo com o método empregado, mas sim de acordo com sua estrutura lógica. Para avaliar um desenho de pesquisa é preciso considerar suas validades interna e externa⁹, estas por sua vez, não deve ser confundidas com a validade da medida, discutida anteriormente.

Um desenho de pesquisa possui validade interna quando nos permite tirar conclusões não ambíguas dos nossos resultados, permitindo, assim, a eliminação de explicações rivais dos nossos achados. A validade interna está relacionada ao conjunto da obra, as partes do trabalho (conceitos, teoria, métodos, empiria) que por seu turno devem estar bem conectadas. A validade externa de um desenho de pesquisa consiste na sua capacidade de generalização, ou seja, se os achados da pesquisa podem ser mais abrangentes, se podem transcender a amostra investigada.

No que tange ao uso dos dados, KKV (1994) defendem que se deve utilizá-los para gerar inferências não enviesadas e eficientes,¹⁰ de outro modo, comprometendo toda a validade do estudo. As análises podem lançar mão de uma série de métodos e técnicas específicas, dentre elas, pode-se citar análise de regressão, análise fatorial, *process-tracing*, *qualitative comparative analysis* (QCA), análise de discurso, análise de conteúdo. O método de análise a ser empregado será escolhido de acordo com o escopo da pesquisa ou de acordo com o tipo de dado disponível. Grosso modo, o método qualitativo utiliza texto como material empírico e o quantitativo se vale de valores numéricos, o que requer uma análise estatística dos dados¹¹. Desenhos de pesquisa não

⁸ Um exemplo pode ser útil para elucidar tais conceitos: O peso de um indivíduo em uma balança de precisão não é uma medida válida para medir seu humor. Entretanto, a balança é um instrumento confiável, pois se o peso do mesmo indivíduo for medido várias vezes, sempre dará um mesmo resultado. Porém, tal balança pode não ser um instrumento válido se estiver calibrada com cinco quilos a mais, pois ainda que sempre produza o mesmo resultado, este será medido erroneamente.

⁹ Para mais acessar: MC Dermott, 2011.

¹⁰ Se disser que um estimador de μ não está enviesado se o seu valor é igual à média de μ nas várias reproduções do experimento. Uma inferência é mais eficiente se a variância entre uma reprodução hipotética e outra for menor (KKV, 1994: 97). Para elucidar, é útil pensar em qualquer inferência como uma estimativa de um determinado ponto, com um intervalo em torno dele. Exemplo: Digamos que estimamos a idade de uma pessoa e supomos que ela tem 40 anos, com um intervalo de dois anos para cima e dois para baixo (38-42). A falta de viés é quando o intervalo estipulado contém a estimativa correta (ou seja, 40 estão dentro de 38-42). E eficiência é quando o intervalo é mais estreito de forma a melhorar nossa estimativa (ou seja, supomos que o intervalo seja de 39-41, apenas um ano acima e abaixo do nosso palpite) (KKV, 1994: 150).

¹¹ Há ainda outras diferenças entre esses dois estilos de pesquisa que não são o objeto desse trabalho. A maioria das pesquisas não corresponde claramente a um ou outro método e o melhor é combinar os dois.

preconizam nenhum método específico de coleta ou de análise de dados, as escolhas metodológicas dependem, preliminarmente, da questão de pesquisa.

A Ciência na Ciência Política

O presente trabalho dá seguimento a uma literatura que vem se mostrando, ainda que timidamente, interessada em olhar para dentro do campo e discutir sua produção, bem como esboçar caminhos para seu desenvolvimento. Nas Ciências Sociais, e mais especificamente na Ciência Política, a abordagem do método e no que extrapola seus processos e técnicas de pesquisa, tem se mostrado insatisfatória. Ainda há poucos estudos que se debruçam a compreender e analisar a temática, o seu ensino e seus desdobramento no campo da Ciência Política (Barberia et al, 2014).

Reis (1996) nas últimas décadas, já atentava para o problema da formação teórico-metodológica dos cientistas sociais nas universidades brasileiras, chamando atenção para a falsa dicotomia entre teoria e método, muitas vezes percebidas como propostas alternativas ou mesmo antagônicas. Uma outra discussão levantada pelo autor, diz respeito à percepção de uma contraposição entre “duas culturas”, a qual de um lado estaria a formação “humanista” e do outro a “científica”.

Enquanto a sociologia e a ciência política, em correspondência com os movimentos de renovação assinalados, se encontram mais próximas do padrão “científico”, caracterizado pelo apego ao rigor, à sistematicidade, à generalização e pelo menos à busca de cumulatividade, a antropologia e a história estariam em geral mais próximas do padrão “humanista” e “idiográfico” de trabalho, com a ênfase no qualitativo e no descritivo, a valorização da dimensão temporal ou histórica dos fenômenos e de suas conseqüentes “peculiaridades”, o relativismo, a confiança depositada na intuição e na “compreensão”, etc. (Reis, 1996: 3).

Como já posto, a literatura pós KKV (1994) muito já discutiu acerca das limitações e potencialidades de abordagens distintas de pesquisa, o entendimento acerca do rigor científico no uso de diferentes desenhos de pesquisa - norteados por abordagens quantitativas e/ou qualitativas - trata-se de um debate superado e obsoleto (Collier, Brady & Seawright, 2010). Para Yanow e Schwartz-Shea (2014), o padrão de cientificidade atestado como sendo o mais próximo das ciências naturais não é e não pode ser a única forma de se fazer Ciência Política e outras Ciências Sociais. Isto empobrece o debate que deve ser norteadado pela compreensão de que trata-se de premissas ontológicas e epistemológicas distintas que não devem ser assumidas de maneira hierárquica no que diz respeito ao rigor científico.

É importante enfatizar que a problemática perpassa a disciplina amplamente, e suas incipiências não estão circunscritas apenas na literatura nacional, ainda que, segundo Soares (2005), no Brasil a questão seja mais “primitiva”. Para o autor, além de existirem poucos cientistas que se dedicam firmemente a essas questões, muitos apenas utilizam-se de métodos, não se propõem a discuti-los, aperfeiçoá-los e fomentar seus fundamentos. Por outro lado, numa perspectiva mais otimista e contemporânea, é possível notar um maior interesse por parte da comunidade acadêmica que vai desde a utilização de ferramentas e técnicas de análise mais sofisticadas até o incentivo para o treinamento metodológico de pesquisadores do campo.¹² Um outro encorajamento observável está no uso de técnicas de pesquisas mais integradas, os métodos mistos ou pesquisa multi-método que, grosso modo, consistiria na combinação de abordagens qualitativas e quantitativas.¹³ No que diz respeito à natureza dos dados, Soares (2005: 49) aponta para esta conscientização crescente e ressalta:

¹² Cabe salientar as iniciativas institucionais como o MQ (UFMG) e o curso da IPSA – Summer School, na USP. Estes cursos oferecem um programa intensivo de metodologia que visam a qualificar profissionais e estudantes de pós-graduação de Ciências Sociais e áreas correlatas no país.

¹³ Para mais acessar, Creswell, 2009.

(...) a riqueza de informações que se agrega a uma pesquisa quantitativa quando ela é precedida por informações qualitativas. Um *survey*, por exemplo, fica muito enriquecido se *precedido e sucedido* por entrevistas abertas, focalizadas, histórias de vida, grupos focais e outros instrumentos qualitativos. Felizmente, o abismo entre qualitativos e quantitativos está se fechando.

É possível identificar na disciplina, em certa medida, predominância temática e metodológica, que pode acarretar em distanciamento e desconhecimento de outras subáreas e abordagens metodológicas. Seguindo o entendimento de que qualquer investigação científica possui limitações, é lúcido reconhecer que assim também são seus métodos e técnicas. Dessa maneira, a vantagem intrínseca da integração das análises qualitativas e quantitativas está na possibilidade de extrair o que melhor cabe à cada uma para responder a questões específicas da pesquisa (Paranhos et al. 2016). Nicolau e Oliveira (2013) em estudo que avalia o levantamento bibliográfico na disciplina no período de 1986 a 2012, demonstraram que dentre os trabalhos que compunham a amostra, havia uma orientação massivamente empírica quantitativa, somando cerca de 70% do total. Em seguida estão as pesquisas empíricas que eles classificaram como “não quantitativas”, representando 25%. Por último, identificaram os artigos de orientação teórica, que corresponderam a apenas 5% dentro do universo analisado. Naquilo que se refere ao predomínio das pesquisas com orientação empírica quantitativa, os autores encaram como desdobramentos decorrentes da própria natureza dos temas mais estudados e da influência que a pesquisa quantitativa exerce sobre a Ciência Política contemporânea. Nesse sentido, é importante estimular o debate que possibilite maior difusão de conhecimentos plurais no tocante a possibilidades metodológicas. Esta reflexão propicia a compreensão do enriquecimento advindo desta prática bem como nos provoca como pesquisadores para além de zonas de conforto, ampliando os nossos horizontes cognitivos e as divisas constitutivas da disciplina.

Tendo em vista a importância da temática para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica, na próxima seção será abordado como a literatura brasileira em Ciência Política têm trabalhado questões de desenho de pesquisa e métodos.

Apresentação e discussão dos dados

A pergunta realizada nesse estudo é de caráter descritivo e utiliza uma abordagem qualitativa de pesquisa e busca responder como a Ciência Política Brasileira tem abordado questões de método e desenho de pesquisa nos últimos anos. Nesta seção são apresentadas as temáticas metodológicas mais abordadas pelos pesquisadores do campo de estudo bem como sua evolução ao longo do tempo. A amostra contém sessenta e um artigos publicados em dez periódicos brasileiros de Ciência Política no período de 2000 a 2015. Foram selecionados dentre todos os artigos publicados, todos os que abordavam temas específicos sobre desenho de pesquisa e métodos. A seleção dos artigos se deu não apenas em função da temática abordada, mas também por terem sido amplamente submetidos à avaliação da comunidade científica. A escolha do recorte temporal justifica-se pelo notável aumento da produção na área a partir dos anos 2000 (Nicolau e Oliveira, 2013).

Os periódicos analisados foram a Revista Dados, Opinião Pública, *Brazilian Political Science Review* (BPSR), Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS), Revista Brasileira de Ciência Política (RBCP), Revista de Sociologia e Política (RSP), Revista Eletrônica de Ciência Política (RECP)¹⁴, Lua Nova, Revista Política Hoje (RPH) e Teoria e Sociedade (RTS). O período da revisão compreende 16 anos (2000 – 2015), com exceção das revistas BPSR, RBCP e RECP cujas primeiras edições são de 2012, 2011 e 2010, respectivamente. Sendo que a RTS disponibiliza os

¹⁴ Interessante destacar a Revista Eletrônica de Ciência Política produzida pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná. Ela possui uma seção, sob o título de “Notas Metodológicas”, na qual “propõe a publicização de artigos que tratem de questões como métodos, técnicas e do andamento das pesquisas, com especial destaque para dificuldades, desafios e experiências de campo típicas aos pesquisadores em ciência política” (Revista Eletrônica de Ciência Política).

artigos no acervo eletrônico apenas a partir de 2011 e a Revista Política Hoje cuja primeira edição é de 1994, disponibiliza a partir de 2008. A seleção desses periódicos se justifica devido aos seus fatores de impacto bem como especialização em temas e objetos relacionados à Ciência Social e, especificamente, à Ciência Política.¹⁵

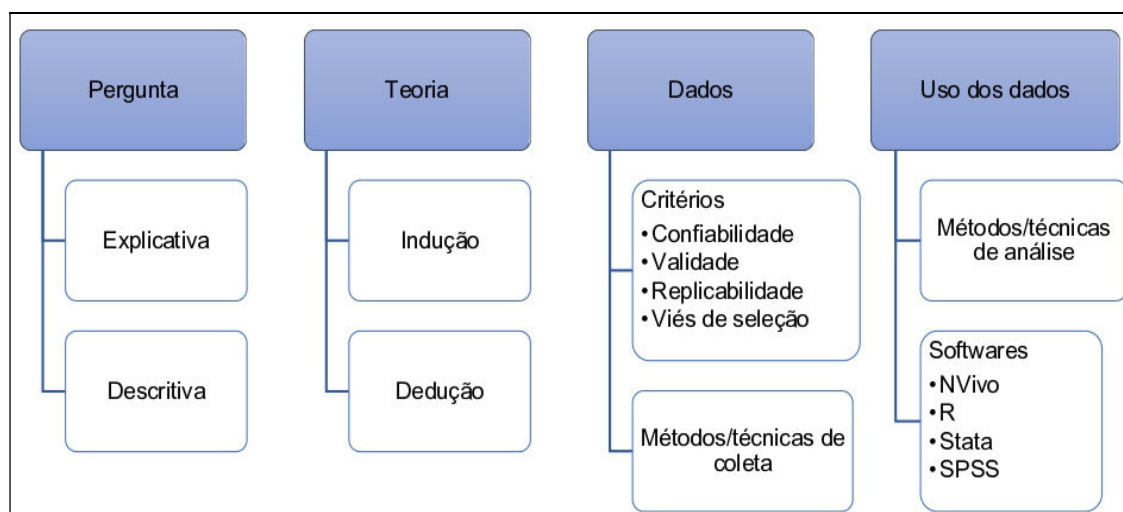
Alguns critérios de inclusão e exclusão de artigos foram empregados para facilitar o processo de seleção e minimizar os possíveis vieses decorrentes de nossas interpretações. Foram incluídos artigos que focalizavam algum método específico ou discutiam questões relacionadas à elaboração de desenho de pesquisa. Também foram incluídos artigos que usavam temáticas diversas (relações internacionais, comportamento eleitoral, marketing político, dentre outros) para exemplificar o uso de algum método, desde que o foco principal fosse a discussão metodológica com referência explícita a isso no título, resumo ou palavras-chaves. De certo, foram excluídos todos os demais artigos que focalizavam outra temática que não a metodológica, ainda que obviamente utilizassem algum método para realização da pesquisa. Também foram excluídos revisões de livros e resumos. As preocupações em relação à elegibilidade dos artigos para inclusão foram discutidas entre os autores. Usando esses critérios, registramos os resultados em um banco de dados organizado cronologicamente.

Para a análise dos dados, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo que consiste na análise sistemática, objetiva e quantitativa das características das mensagens contidas em textos, em imagens de cinema e televisão, fotografias, anúncios em outdoors, cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos auto-biográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, vídeos, dentre outros (Neuendorf, 2002; Moraes, 1999). Enquanto técnica, a análise de conteúdo pode ser focada em palavras, frases, estruturas gramaticais, tempos verbais, cláusulas, proporções de substantivos, verbos ou temas, mas também pode ser focada na contagem do tamanho da coluna (de discursos e artigos de jornais), quantidade de espaço ou frequência de imagens (PRIOR, 2014). Nesse artigo, o foco recai sobre a mensagem contida nos títulos, resumos e palavras-chaves dos artigos selecionados.

Para apresentar a distribuição e visualização dos dados, elaboramos a nuvem de palavras abaixo a partir do programa Nvivo, *software* de análise de informação qualitativa que integra as principais ferramentas para o trabalho com documentos textuais, multimétodo e dados bibliográficos.

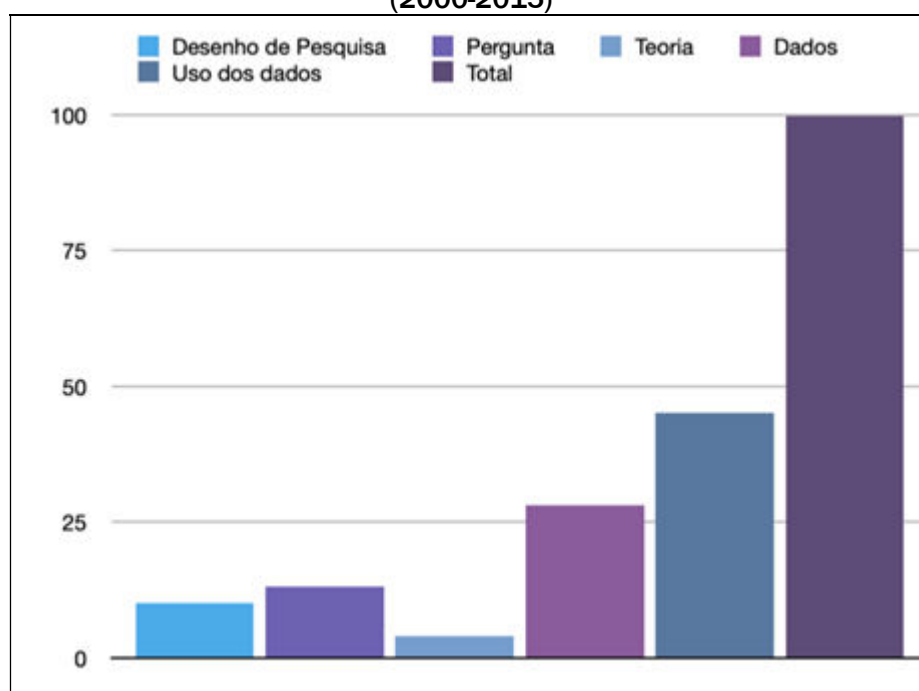
¹⁵ Ver quadro 1 no anexo.

Figura 2: Categorias analíticas do Desenho de Pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 1: Desenho de Pesquisa nos periódicos de Ciência Política no Brasil (2000-2015)



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 1 mostra que de todos os artigos analisados, 13%¹⁶ discutem assuntos referentes a perguntas, sendo que 12% abordam temas relacionados à pergunta explicativa, (tais como relações causais, causalidade, inferências causais, explicações e causalção) e o restante aborda temas relacionados à pergunta como um todo, não havendo nenhuma referência a perguntas do tipo descritiva. 4% abordam questões relacionadas à teoria em geral e apenas 1% faz referência explícita ao modelo dedutivo. 28% discutem assuntos referentes aos dados, sendo que 17% abordam critérios de validade, confiabilidade, replicabilidade e viés de seleção e outros 11%

¹⁶ Há artigos que discutem mais de um tema, por isso, são contados mais de uma vez, de forma que a porcentagem total abarque mais do que 42 artigos.

discutem métodos de coleta de dados, tais como, grupos focais, etnografia, entrevista, entrevista semiestruturada, questionário, história oral e outras fontes de dados digitais. 45% dos artigos trabalham assuntos referentes ao uso dos dados. Desses, apenas 5% abordam o uso de softwares como Nvivo, SPSS e R e outros 40% abordam métodos de análises de dados, tais como, *qualitative comparative analysis* (1%), *collective mindset analysis* (1%), análise do discurso (1%), análise geoespacial (1%), método prudencial (1%), análise de conglomerados (*cluster*) (2%), análise de regressão (2%), *process-tracing* (2%), análise fatorial (3%), método comparativo (3%), análise de conteúdo (3%), contextualismo linguístico (4%), métodos mistos¹⁷ (5%), sendo que 7% destacam métodos qualitativos e quantitativos sem especificá-los. 10% dos artigos abordam questões relativas ao desenho de pesquisa em geral, sendo que metade deles citam o uso particular de estudo de caso. Vale ressaltar também que os artigos que abordam a utilização de softwares (programa R, SPSS e Nvivo) como forma de viabilizar e facilitar o empreendimento científico são bem recentes, datando do ano de 2015.

Entre os autores dos 61 artigos publicados nestes dez periódicos entre 2000 e 2015, 33% são oriundos da Universidade Federal de Pernambuco, outros 14% da Universidade Federal de Minas Gerais, 9% da Universidade Federal de Alagoas, 7% da Universidade Federal do Paraná, 4% do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 3% da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.¹⁸ Outros 14% são de autoria de pesquisadores estrangeiros ou de brasileiros vinculados a universidades estrangeiras, mas como foram publicados em periódicos brasileiros, foram incluídos na análise.

A tabela abaixo contém a quantidade de artigos publicados em cada periódico, dentro do recorte temporal do estudo. Pode-se observar que as revistas que mais publicaram assuntos relacionados a método e desenho de pesquisa foram: a Revista Política Hoje organizada pela Universidade Federal de Pernambuco (20%); a Revista Eletrônica de Ciência Política produzida pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (18%); a Revista Dados (16%); a Revista Opinião Pública publicada pelo Centro de Estudos de Opinião Pública (13%); a Revista Brasileira de Ciências Sociais publicada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (11%); e a Revista Teoria e Sociedade produzida pela Universidade Federal de Minas Gerais (10%).

¹⁷ Combinação de dois estilos de pesquisa: qualitativo e quantitativo.

¹⁸ Um mesmo artigo pode ser de autores que pertencem à mesma universidade, portanto tal universidade foi contada de acordo com o número de vezes em que aparece em cada artigo. Logo, o número de universidades é maior do que o número de artigos. Ver quadro 2 com as informações completas no anexo.

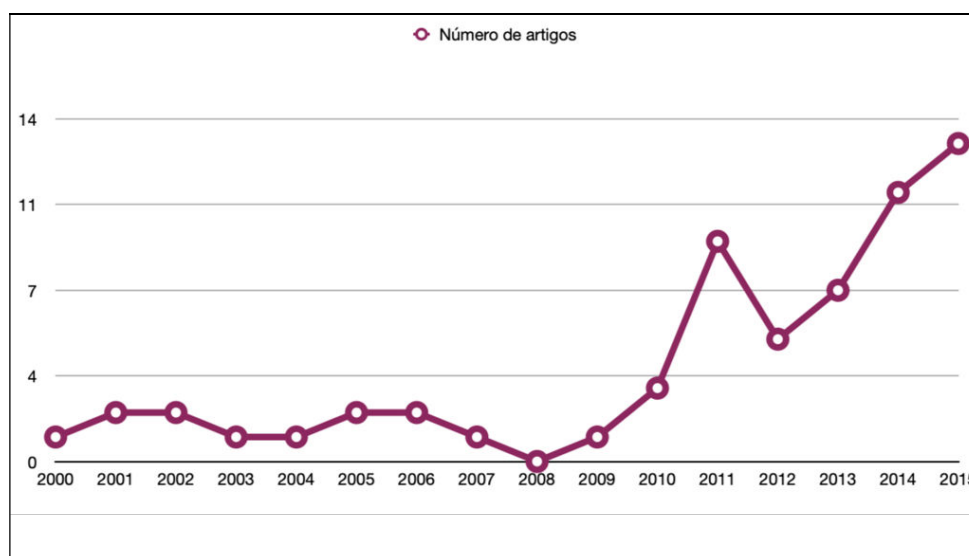
Tabela 1: Número de artigos por periódico de Ciência Política no Brasil
(2000-2015)

Periódico	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Revista Política Hoje	12	20
Revista Eletrônica de Ciência Política	11	18
Revista Dados	10	16
Opinião Pública	8	13
Revista Brasileira de Ciências Sociais	7	11
Teoria e Sociedade	6	10
Revista de Sociologia e Política	4	7
Revista Brasileira de Ciência Política	2	3
Brazilian Political Science Review	1	2
Lua Nova	0	0
Total	61	100

Fonte: Elaboração própria.

No gráfico abaixo é possível verificar o desenvolvimento temporal dos artigos analisados.

Gráfico 2: Evolução no número de artigos nos periódicos de Ciência Política no Brasil
(2000-2015)



Fonte: Elaboração própria.

Pelo gráfico 2, pode-se perceber um importante aumento na produção acadêmica relacionada às temáticas abordadas neste trabalho no período estudado. O primeiro artigo publicado refere-se a obra “Mensurando Confiança Interpessoal: Notas acerca de um Conceito Multidimensional” dos autores Mitchell A. Seligson e Lucio R. Rennó, ambos da University of Pittsburgh à época. Observa-se que o ano com o maior número de artigos publicados foi o último da análise (2015), reforçando a tendência crescente desse campo no Brasil. Entretanto, apesar desse aumento, a amostra contém apenas 61 artigos, o que denota uma pequena produção acadêmica na área ao longo dos anos. As gerações mais recentes de cientistas políticos vêm adotando uma diversidade de pontos de vista teóricos e metodológicos de pesquisa, mas ainda

assim, tal avanço não veio acompanhado de produções acadêmicas mais técnicas e sistemáticas sobre desenhos e métodos de pesquisa.

No entanto, os dados demonstram que o cenário é animador e alude ao avanço do debate metodológico na disciplina. O compromisso relativo ao rigor metodológico aponta para a consolidação da Ciência Política no campo das ciências e no seu empenho para produção de teorias, baseado na percepção que o fomento do debate é um meio para tal intento. Pode-se também salientar o progressivo interesse na integração entre desenhos de pesquisa, o avanço tecnológico e o desenvolvimento de softwares que otimizam e viabilizam novas abordagens como motivações plausíveis que têm encorajado não somente o uso das ferramentas disponíveis como também a contínua discussão da temática (Almeida, 2016).

Ainda assim, cabe aqui assumirmos a limitação da nossa análise que está balizada pela taxonomia utilizada neste trabalho, pela escolha dos periódicos e pela seleção da amostra. Para além do interesse dos pesquisadores, vale a reflexão de se os periódicos têm sido receptíveis à publicação de trabalhos que tratem da temática epistemológica e metodológica. É interessante ao campo que se estimule a avaliação voltada para dentro da disciplina e o modo como têm sido produzidos seus estudos. Avanços no tocante a métodos e desenhos de pesquisa são possíveis através desse constante debate na comunidade acadêmica

Considerações finais

Este trabalho analisou 61 artigos publicados em dez periódicos brasileiros de Ciência Política a fim de verificar como vem sendo abordadas questões referentes a métodos e desenhos de pesquisa na disciplina, além de apresentar alguns aspectos conceituais referentes ao tema. A preocupação cada vez mais frequente nos debates na Ciência Política contemporânea acerca dos desenhos de pesquisa está voltada para o pressuposto de refinamento teórico e de produção de um conhecimento científico mais rigoroso na disciplina. Dessa maneira, observa-se uma valorização cada vez mais acentuada naquilo que se refere ao tratamento dos dados, à articulação com a teoria, aos métodos e à empiria. Nesse sentido, desenvolver um bom desenho de pesquisa é fundamental para que o empreendimento científico seja válido no campo acadêmico.

Neste trabalho buscou-se discutir alguns conceitos importantes que balizam a prática científica, e foram abordadas questões referentes aos tipos de pergunta existentes (descritiva e explicativa); em relação à pesquisa explicativa, ainda foram trabalhados conceitos relativos à ideia de causalidade (variáveis dependente, independentes) e aos seus principais problemas como o viés de variável omitida (variáveis intervenientes e de confusão) e a causalidade reversa; quanto à teoria, foram abordados conceitos como teste de teoria (dedução) e construção de teoria (indução). No que diz respeito aos dados, foram discutidos conceitos e exemplos acerca de viés e ineficiência, validade e confiabilidade, métodos e técnicas de coleta e análise de dados. Ainda, perpassamos os desafios inerentes à pesquisa como as questões relativas à validade interna e externa.

Por fim, por meio da análise de conteúdo buscou-se apresentar uma descrição de como a questão sobre a pesquisa científica tem sido abordada nos periódicos de Ciência Política brasileira durante os anos de 2000 a 2015. Os resultados apontaram que houve um aumento expressivo do número de artigos relacionados ao tema no período analisado. No entanto, ao se comparar com a produção acadêmica da Ciência Política como um todo, o baixo número de artigos encontrados (uma vez que se analisa 16 anos de pesquisa) revela uma falta de tradição em pesquisa sobre o tema no Brasil. Ainda, identificamos na literatura brasileira recente que o problema apresenta trajetória longa na disciplina.

A despeito dos avanços teóricos e metodológicos, as análises mostraram que, em geral, esses vêm sendo lentos no que diz respeito à produção acadêmica sobre desenhos de pesquisas e métodos. Encoraja-se que o debate seja estimulado, propiciando o desenvolvimento das práticas de pesquisa bem como da disciplina no país.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, S. K. O. (2016). "Razões para o desenvolvimento do método experimental na Ciência Política contemporânea". *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, 6(1), e 002.
- ALVES, D.; FIGUEIREDO FILHO, D. & HENRIQUE, A. (2015). "O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo". *Revista Política Hoje - 2a Edição*, Vol. 24: 119-134.
- BABBIE, Earl (2014). *The Practice of Social Research*. Fourteenth Edition. [Boston]: Cengage Learning.
- BARBERIA, L.; GODOY, S.; BARBOZA, D. P.; DUARTE, G.; ANJOS, J.R.M. (2014). "Inovação no ensino de métodos quantitativos em Ciência Política: Aplicação de modelo baseado em atividades". *Agenda Política*, Vol. 2: 152-179.
- COLLIER, D; BRADY, H. & SEAWRIGHT (2010). *Rethinking Social Inquiry: Diverse Tools, Shared Standards*. Lanham, Boulder, New York, Toronto, Plymouth, UK: Rowman & Littlefield Publishers, INC.
- CRESWELL, J. (2009). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* Thousands Oaks, California: Sage.
- DA CUNHA REZENDE, F. (2015). *Desenhos de Pesquisa e Qualidade Inferencial na Ciência Política: o modelo de engrenagens analíticas*. Working Paper.
- DE VAUS, D. (2001). *Research Design in Social Research*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage.
- DOWD, B. & TOWN, R. (2002). "Does X Really Cause Y?" *Academy Health*. Disponível: [http://www.ernestoamaral.com/docs/dcp854b-132/dowd_town\(2002\).pdf](http://www.ernestoamaral.com/docs/dcp854b-132/dowd_town(2002).pdf) [Consulta: 14-04-2018].
- KELLSTEDT, P. M. & WHITTEN G. D. (2009). *The Fundamentals of Political Science Research*. New York: Cambridge University Press.
- KING, K. & VERBA, S. (1994). *Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- KING, G. (1995). Replication, Replication. *Political Science & Politics*, 28(3), 444-452.
- MC DERMOTT, R. (2011). "Internal and External Validity". In: J. N. Druckman, D. P. Green, J. H. Kuklinski and A. Lupia (Ed). *Cambridge Handbook of Experimental Political Science* (pp. 27-40). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CB09780511921452.003
- MORAES, R. (1999). "Análise de conteúdo". *Revista Educação*, 22 (37): 7-32.
- NEUENDORF, K. A. (2002). *The Content Analysis Guidebook*. Cleveland State University: Sage Publications.
- NICOLAU, J. e OLIVEIRA, L. (2013). "A Produção da Ciência Política Brasileira: Uma Análise dos Artigos Acadêmicos". Trabalho apresentado no 37º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais [ANPOCS]. Águas de Lindoia/SP.
- PARANHOS, R. FIGUEIREDO, D. ROCHA, E. SILVA JÚNIOR, J.A. FREITAS, D. (2016). "Uma introdução aos métodos mistos". *Sociologias*, 18 (42): 384-411.
- PRIOR, L. (2014). "Content Analysis". In: Patricia Leavy (Ed.) *The Oxford Handbook of Qualitative Research* (pp. 359-379). New York: Oxford University Press.
- REIS, F. W. (1996). "Avaliação das Ciências Sociais". In: S. Schwartzman (Coord.). *Ciência e Tecnologia no Brasil: A capacitação brasileira para a pesquisa científica e tecnológica* (pp. 93-122). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- SOARES, G. A. D. (2005). "O Calcanhar Metodológico da Ciência Política no Brasil". In: C. O. Martins (Org.) *Para onde vai a Pós-Graduação em Ciências Sociais no Brasil* (pp. 73-104). Bauru: EDUSC.

WEINGAST, B. R. (2010). Caltech rules for writing papers: how to structure your paper and write an introduction. Stanford University. Disponible: <https://mcnollgast.stanford.edu/caltech-rules-for-writing/> [Consulta: 03-04-2018].

YANOW, D. and SCHWARTZ-SHEA, P. (2014). *Interpretation and Method – Empirical Research Methods and the Interpretive Turn*. London/Armonk: M.E.Sharpe.

Periódicos

OPIN. PUBLICA, Campinas, 2000-2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-6276&lng=pt&nrm=iso [Consulta: 2-06-2016].

DADOS, Rio de Janeiro, 2000-2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0011-5258&lng=en&nrm=iso [Consulta: 2-06-2016].

BRAZILIAN POLITICAL SCIENCE REVIEW, Associação brasileira de Ciência Política, 2000- 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=19813821&lng=en&nrm=iso [Consulta: 5-06-2016].

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2000-2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-6909&lng=en&nrm=iso [Consulta: 12-06-2016].

Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0103-3352&lng=en&nrm=iso [Consulta: 2-06-2016].

Revista de Sociologia e Política, Paraná, 2000-2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-4478&lng=en&nrm=iso [Consulta: 8-06-2016].

Revista Eletrônica de Ciência Política, Paraná, 2000-2015. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/politica> [Consulta: 2-06-2016].

LUA NOVA, São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporâneo, 2000-2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-6445&lng=en&nrm=iso [Consulta: 2-06-2016].

REVISTA POLÍTICA HOJE, Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2000-2015. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/politica/hoje/index.php/politica> [Consulta: 2-06-2016].

TEORIA E SOCIEDADE, Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2000-2015. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/revistasociedade/index.php/rts> [Consulta: 2-06-2016].

ANEXO

Quadro 1: Qualis dos periódicos de Ciência Política no Brasil analisados

REVISTA	QUALIS CAPES
Revista Dados	A1
Opinião Pública	A1
Revista de Sociologia e Política	A1
<i>Brazilian Political Science Review</i>	A2
Revista Brasileira de Ciências Sociais	A2
Lua Nova	A2
Revista Brasileira de Ciência Política	B1
Teoria e Sociedade	B1
Revista Política Hoje	B2
Revista Eletrônica de Ciência Política	B5

Fonte: Plataforma Sucupira. CAPES.

Quadro 2: Número de autores por instituição dos artigos dos periódicos de Ciência Política no Brasil (2000-2015)

Instituição	Número de autores	%
Universidade Federal de Pernambuco	39	33,3
Universidade Federal de Minas Gerais	16	13,7
Universidade Federal de Alagoas	10	8,5
Universidade Federal do Paraná	8	6,8
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro	5	4,3
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	4	3,4
Heidelberg University (Germany)	3	2,6
Universidade de São Paulo	2	1,7
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	2	1,7
Universidade Federal de Goiás	2	1,7
Universidade Federal Fluminense	2	1,7
University of Pittsburgh	2	1,7
Universidade Federal da Paraíba	1	0,9
Université Paris	1	0,9
Universidade Federal da Bahia	1	0,9
Universidade Federal de Uberlândia	1	0,9
Inspere Instituto de Ensino e Pesquisa	1	0,9
Universidade Estadual Paulista	1	0,9
University of Iowa	1	0,9
Universität Erfurt	1	0,9
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1	0,9
Universidade Federal de Santa Catarina	1	0,9
Universidade da Califórnia em Los Angeles	1	0,9
Arizona State University	1	0,9
Mid Sweden University College e Åbo Akademi University (Finlândia)	1	0,9
Universidade Federal do Piauí	1	0,9
Universidade de Notre Dame	1	0,9
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1	0,9
Georg-August Universität Göttingen	1	0,9
Universidade de Harvard	1	0,9
Universidade Federal de Juiz de Fora	1	0,9
Universidade Federal do Ceará	1	0,9
Universidade de Brasília	1	0,9
Escola Carlos Drummond de Andrade	1	0,9
Total	117	100

Fonte: Elaboração própria.

Autoras

Rosiene Guerra

Departamento de Ciencia Política, Universidad Federal de Minas Gerais, Brasil.

Doctoranda en Ciencias Políticas de la Universidad Federal de Minas Gerais. Magíster en Ciencias Políticas de la Universidad Federal de Minas Gerais.

E-mail: rosieneguerra@gmail.com

Sabrina Almeida

Departamento de Ciencia Política, Universidad Federal de Minas Gerais, Brasil.

Doctoranda en Ciencias Políticas de la Universidad Federal de Minas Gerais. Magíster en Ciencias Políticas de la Universidad Federal de Pernambuco. Investigadora en FGV-DAPP.

E-mail: sabrinakoalmeida@gmail.com

Citado.

GUERRA, Rosiene y ALMEIDA, Sabrina (2020). Método e Desenho de Pesquisa na Ciência Política Brasileira: Uma Análise da Literatura (2000 a 2015). *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social - ReLMIS*, N°20, Año 10, pp. 38-55. Disponible en: http://relmis.com.ar/ojs/index.php/relmis/article/view/metodo_e_desenho

Plazos.

Recibido: 07/05/2018. Aceptado: 24/03/2019.